



INFLUÊNCIAS DOS ASPECTOS CULTURAIS DE MULHERES QUILOMBOLAS SOBRE OS SIGNIFICADOS DE CUIDADO EM SAÚDE

GEANNE MARIA COSTA TORRES, ANA PAULA RIBEIRO CASTRO, ANA PATRÍCIA PEREIRA DE MORAIS, ANTONIO GERMANE ALVES PINTO, JOSÉ MARIA XIMENES GUIMARÃES

RESUMO

As comunidades tradicionais, em função da forte influência do meio natural, apresentam modos de vida e cultura diferenciados, regados por crenças, valores, mitos e bagagens culturais que permeiam o cuidado em saúde. Posto isso, objetivou-se analisar as produções científicas brasileiras acerca dos aspectos culturais de mulheres quilombolas sobre os significados de cuidado em saúde. Trata-se de um estudo bibliográfico, com abordagem reflexiva, apoiando-se nos referenciais teóricos do Ministério da Saúde, Biblioteca Virtual da Saúde (BVS) e Periódicos da CAPES, utilizando-se de palavras-chaves relacionadas ao tema, como: Grupo com Ancestrais do Continente Africano, Mulheres, Práticas Populares de Saúde, Saberes Afrobrasileiros, Cultura, de forma isolada ou pelo cruzamento dos termos usando o operador booleano “and”, sem levar em conta o período temporal. A coleta de dados ocorreu nos meses de setembro e outubro de 2022. Das análises emergiram duas categorias: “Influências culturais de mulheres quilombolas nas práticas de saúde” e “Significados atribuídos pelas mulheres quilombolas ao cuidado à saúde”. Evidencia-se, então, que o saber e o fazer das mulheres quilombolas se entrelaçam com a sua história ancestral, sendo permeada por saberes e ensinamentos que se revelam em práticas que circundam o cuidado à saúde advindos de crenças, tradições e costumes. Destaca-se, ainda, que no cotidiano dessas mulheres, os espaços de vida com suas práticas, representações e construções identitárias expressam saberes e ensinamentos orientados para o cuidar e sua continuidade pela força do coletivo. Conclui-se, então, que as mulheres quilombolas, com diferentes modos de vida e cultura, utilizam práticas apreendidas de seus ancestrais para cuidar da saúde. Os significados atribuídos ao cuidado à saúde permeiam os aspectos socio-político-cultural, decorrentes dos (des)caminhos do seu processo histórico. No entanto, o protagonismo dessas mulheres, de forma organizada e coletiva, vem contribuindo para a organização de associações e pela luta por políticas públicas para melhoria das comunidades quilombolas.

Palavras-chave: Grupo com Ancestrais do Continente Africano; Mulheres; Práticas Populares de Saúde; Saberes Afrobrasileiros; Cultura.

1 INTRODUÇÃO

Os quilombos são (re)conhecidos na história brasileira pela trajetória de resistência e luta contra a escravidão e o sistema escravocrata que colocou o negro em condição de subjugação. Na atualidade, são espaços de resistência que proporcionam o resgate da história e cultura dos povos africanos e seus descendentes, por meio do fortalecimento da cultura e da

solidariedade, sendo que negros/quilombolas se constituem sujeitos de sua própria história (BRASIL, 2013).

Em sendo assim, as mulheres quilombolas estão expostas às desigualdades sociais, limitando-as ao acesso aos serviços de saúde. Destaca-se, ainda, que para além da vulnerabilidade econômica, essas mulheres deparam-se com as opressões ocasionadas pela interseccionalidade na pele, cotidianamente. Tal situação se materializa na desigualdade étnico-racial, racismo, patriarcado, sexismo, falta de acesso à saúde, assimetrias de gênero, violências institucionais, descaracterizando essas mulheres como um ser de direito e contrária aos princípios do sistema de saúde, que preconiza ser único, universal e igualitário (GROSSI; OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2018; FERNANDES; GALINDO; VALENCIA, 2020).

Neste contexto, estas comunidades tradicionais, em função da forte influência do meio natural, apresentam modos de vida e cultura diferenciados. Seus hábitos estão diretamente submetidos aos ciclos naturais, sendo que a forma como apreendem a realidade e a natureza é baseada não só em experiências e racionalidades, mas em valores, símbolos, crenças e mitos, devendo os profissionais da saúde considerar tais fatores ao lidarem com essas comunidades (MONTELES; PINHEIRO, 2007).

As práticas de cuidado em saúde desses grupos são baseadas na medicina popular, entendidas como um conjunto de conhecimentos, crendices e superstições que envolvem valores, costumes, tradições e crenças, oriundos de vivências culturais particulares de um determinado grupo, possuindo um viés cultural e subsidiando a coletividade para a manutenção do bem-estar, ao enfrentamento de doenças, incapacidades e até mesmo da morte (REIS; SANTOS; PASCHOAL JÚNIOR, 2012; PRATES et al., 2015).

Além disso, as práticas advindas dos saberes do senso comum se objetivam nos chás caseiros e são ancoradas nos saberes tradicionais, que tendem a se efetivar inicialmente como prática elementar no enfrentamento às doenças, pois faz parte da realidade daquelas mulheres, sendo perpetrada no cotidiano, repassada de mãe para filha e comum ao grupo (SILVA et al., 2020). Acrescem, ainda, que as práticas tradicionais de cuidado em saúde apresentam relevância cultural nesse grupo, pois sua utilização torna-se elemento marcante no seu contexto, compreendendo que os saberes tradicionais representam uma forma de pensamento sobre o cuidado em saúde.

No contexto das populações quilombolas, a mulher também é perpetuadora de práticas de cuidado em saúde. Assim, na maioria das comunidades há utilização de ervas, plantas medicinais, rezas e bênçãos que são difundidas pela tradição popular por benzedeiras, raizeiras e religiosas, configurando-se no principal recurso frente ao adoecimento e aos agravos de saúde, haja vista a parca acessibilidade aos serviços públicos de saúde pela população quilombola, que em sua maioria está localizada em áreas rurais (OLIVEIRA; MORAIS, 2010). Neste estudo, objetivou-se analisar as produções científicas brasileiras acerca dos aspectos culturais de mulheres quilombolas sobre os significados de cuidado em saúde.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de estudo bibliográfico, com abordagem reflexiva acerca das influências culturais de mulheres quilombolas no cuidado em saúde, apoiando-se nos referenciais teóricos do Ministério da Saúde, além de buscas na Biblioteca Virtual da Saúde (BVS) e do Portal de Periódicos da CAPES, portais que apresentam amplo acesso a periódicos e artigos científicos que contribuem para subsidiar nas considerações críticas.

Para a seleção do material empírico, utilizou-se palavras-chaves relacionadas ao tema, como: Grupo com Ancestrais do Continente Africano, Mulheres, Práticas Populares de Saúde, Saberes Afrobrasileiros, Cultura, de forma isolada ou pelo cruzamento dos termos usando o operador booleano “AND”, sem levar em conta o período temporal. A coleta de dados

ocorreu nos meses de setembro e outubro de 2022. A leitura minuciosa dos artigos selecionados proporcionou melhor compreensão sobre a temática e permitiu a elaboração de categorias para uma análise crítico-reflexiva.

Neste estudo, dispensou-se a submissão ao Comitê de Ética e Pesquisa, por se tratar de estudo que utiliza informações de domínio público, respeitando-se aos preceitos éticos que envolvem pesquisas com seres humanos, em conformidade com a Resolução nº 510/2016, do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2016).

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A leitura e análise do material selecionado emergiram duas categorias: “Influências culturais de mulheres quilombolas nas práticas de saúde” e “Significados atribuídos pelas mulheres quilombolas ao cuidado à saúde” que demonstram as práticas tradicionais e seus significados nos rituais de cura e de cuidado com a saúde realizadas por este grupo étnico que perpetua saberes e fazeres de seus antepassados, ou seja, a identidade de seu povo.

A categoria “Influências culturais de mulheres quilombolas nas práticas de saúde” revela crenças, tradições e costumes culturais perpetuados de geração em geração, tendo a mulher como provedora de cuidados para si, família e comunidade. Este cuidado abrange uso de chás, rezas, benzeduras, banhos de cheiro e outros rituais, respeitando as singularidades, individualidades e conhecimentos referentes à saúde.

Desvela-se, então, o orgulho do lugar onde moram e de terem recebido pela oralidade o conhecimento ancestral do manuseio das plantas medicinais pelas rezadeiras ou benzedadeiras, qualificação dada àquelas que realizam a cura pelos seus saberes populares, por meio de práticas de cuidados pautadas nas crenças e costumes culturais, utilizando-se de recursos naturais e da invocação divina (BONFIM et al., 2018; PRATES et al., 2018a). As práticas populares realizadas pelas mulheres quilombolas no cuidado à saúde se configuram em uma mistura de crenças e tradições que expressam resistência a sua cultura.

No que diz respeito aos povos africanos e seus descendentes, como os quilombolas, a maneira como cuidam de sua saúde possui particularidades e singularidades, que estão atreladas à forma como se estruturam e se organizam nos âmbitos político-social, cultural, religioso e identitário, permitindo a transmissibilidade de diversas práticas sociais relacionadas ao meio ambiente, ao território e à religiosidade (SILVA et al., 2020).

Assim, os cuidados realizados por estas mulheres não devem ser entendidos de forma isolada, mas agregando os aspectos sociais, culturais e econômicos que se inserem neste contexto. Além disso, é preciso ampliar o olhar sobre essas mulheres, que, ao longo da história, estruturaram e perpetuaram com muita tradição e dedicação estas práticas na comunidade (PRATES et al., 2019).

Nesta perspectiva, o saber e o fazer das mulheres quilombolas se entrelaçam com a sua história ancestral, sendo permeada por saberes e ensinamentos que se revelam em práticas que circundam o cuidado à saúde advindos de crenças, tradições e costumes. Esta sabedoria ancestral preserva as manifestações e espaços de promoção à saúde, enraizados e difundidos de geração em geração para permanecer raizada estas práticas de saúde.

A categoria “Significados atribuídos pelas mulheres quilombolas ao cuidado à saúde” desvela olhares e significados dessas mulheres em relação ao cuidado, como cuidam e o cultivam entre si, família e comunidade. Os espaços de vida com suas práticas, representações e construções identitárias expressam saberes e ensinamentos orientados para o cuidar e sua continuidade pela força do coletivo.

Os significados que circundam o cuidado à saúde das mulheres quilombolas foram construídos no decorrer da história, resultantes de relações sociopolíticas pautadas em ações discriminatórias de natureza sexista e racial, originando suas práticas de cuidado. Os

significados atribuídos pelas mulheres ao cuidado à saúde estão condicionados ao trabalho, alimentação, higiene, atividade física e ações de prevenção de agravos à saúde, a partir de exames preventivos e da prática de sexo seguro (PRATES et al., 2018b). Por sua vez, estes condicionantes estão inseridos no cotidiano dessas mulheres, imbuídos por afazeres dentro e fora de suas casas, vivenciados pela discriminação, opressão e iniquidades sociais, acarretando impactos negativos no exercício da sua cidadania.

Estas vivências interseccionais dispendem energia dessas mulheres e reforçam a necessidade de união, de uma luta coletiva em seus diferentes modos de resistir e nos mais diversos espaços de poder (PRATES, 2015; PRATES et al., 2018a; SANTOS, 2018). Os espaços de discriminação, racismo, opressão e repressão vem sendo enfrentados por estas mulheres pela resistência, luta e mobilizações internas e externas, apoiando-se umas às outras para que sua geração e gerações futuras possam ter condições de vida e saúde dignas, preservando suas histórias, territórios e territorialidades, buscando avanços políticos, sociais, econômicos e culturais para proporcionar ganhos significados na sua saúde, de familiares e da comunidade.

4 CONCLUSÃO

As mulheres quilombolas, com diferentes modos de vida e cultura, utilizam práticas apreendidas de seus ancestrais para cuidar da saúde, baseadas nas suas experiências, valores, crenças, tradições e mitos, como ervas, raízes, banhos, rituais religiosos e outros cuidados culturais para o autocuidado, de familiares e da comunidade. A sua simplicidade de viver e cuidar, protagonizar e transformar seu território promove a manutenção da saúde e do bem-estar.

Os significados atribuídos ao cuidado à saúde permeiam os aspectos socio-político-cultural, além de relações discriminatória, racista e sexista, decorrentes dos (des)caminhos do seu processo histórico. No entanto, o protagonismo dessas mulheres, de forma organizada e coletiva, vem contribuindo para a organização de associações e pela luta por políticas públicas para assegurar a subsistência e melhor qualidade de vida e saúde de seu grupo social.

REFERÊNCIAS

BONFIM, J. O.; PRADO, I. F.; SORTE, E. T. B.; COUTO, P. L. S.; FRANÇA, N. M.; GOMES, A. M. T. Práticas de cuidado de parteiras e mulheres quilombolas à luz da antropologia interpretativa. **Revista Brasileira mm Promoção da Saúde**, v. 31, n. 3, p. 1-11, 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Política Nacional de Saúde Integral da População Negra: **uma política para o SUS** – 2. ed. – Brasília: Ministério da Saúde; 2013.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 24 maio 2016**.

FERNANDES, S. L.; GALINDO, D. C. G.; VALENCIA, L. P. Identidade quilombola: atuações no cotidiano de mulheres quilombolas no agreste de Alagoas. **Psicol. Estud.**, v. 25, e45031. 1-15, 2020.

GROSSI, P. K.; OLIVEIRA, S. B. de; OLIVEIRA, J. da L. Mulheres quilombolas, violência e as interseccionalidades de gênero, etnia, classe social e geração. **Revista de Políticas**

Públicas, [S. l.], v. 22, p. p. 929–948, 2018.

MONTELES, R.; PINHEIRO, C. U. B. Plantas medicinais de um quilombo maranhense: uma perspectiva etnobotânica. **Revista de Biologia e Ciências da Terra**, v. 7, n. 2, p. 17-37, 2007.

OLIVEIRA, M. W.; MORAES, J. V. Práticas populares de saúde e a saúde da mulher. **Revista de APS**, v. 13, n. 4, p. 412-420, 2010.

PRATES, L. A.; CECCON, F. G.; ALVES, C. N.; WILHELM, L.A.; DEMORI, C. C.; SILVA, S. C. et al. A utilização da técnica de grupo focal: um estudo com mulheres quilombolas. **Cad Saúde Pública**, v. 31, n. 12, p. 2483-2492, 2015.

PRATES, L. A.; CREMONESE, L.; WILHELM, L. A.; OLIVEIRA, G.; TIMM, M. S.; CASTIGLIONI, C. M.; RESSEL, L. B. Ser mulher quilombola: revelando sentimentos e identidades. **Revista Mineira de Enfermagem**, v. 22, e-1098, p. 1-9, 2018a.

PRATES, L. A.; POSSATI, A. B.; TIMM, M. S.; et al. Significados Atribuídos por Mulheres Quilombolas ao Cuidado à Saúde. **Rev. pesqui. cuid. fundam.**, v. 10, n. 3, p. 847-855, 2018b.

PRATES, L. A.; OLIVEIRA, G.; WILHELM, L. A.; CREMONESE, L.; DEMORI, C. C.; RESSEL, L. B. “Vem passando de geração para geração”: as práticas de cuidados de mulheres quilombolas. **Revista de Enfermagem da UFSM.**, v. 9, e40, p. 1-22, 2019.

REIS, A. T.; SANTOS, R. S.; PASCHOAL JÚNIOR, A. O cuidado à mulher na contemporaneidade: reflexões teóricas para o exercício da enfermagem transcultural. **REME rev. min. enferm.**, v. 16, n. 1, p. 129-35, 2012.

SANTOS, G. S. **Mulheres quilombolas**: território, gênero e identidade na comunidade negra Senhor do Bonfim. Pernambuco, Brasil. Dissertação de Mestrado. Paraíba, 2018.

SILVA, I. F. S.; RODRIGUES, I. L. A.; NOGUEIRA, L. M. V.; PALMEIRA, I. P.; FERREIRA, M. A. Behaviors related to Quilombola women’s health: a social representations study. **Rev Bras Enferm.**, v. 73, e20190427, p. 1-8, 2020. Supl. 4.